

## **SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES: QUAL A RELAÇÃO COM O BULLYING?**

SUICIDE AMONG ADOLESCENTS: WHAT IS THE RELATIONSHIP WITH BULLYING?

BRUNO **SILVA**. Acadêmico do 5. Ano do curso de Psicologia do Centro Universitário Ingá UNINGÁ.

FLÁVIO AUGUSTO FERREIRA DE **OLIVEIRA**. Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário Ingá UNINGÁ.

Rua Canário 369, Maringá-PR, CEP 87070-470. E-mail: ra10437.13@uninga.edu.br

### **RESUMO**

O presente artigo tem a finalidade de compreender o bullying no contexto escolar e suas influências sobre idealizações e realizações suicidas na vida de adolescentes. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, em que foram reunidas informações de vários autores sobre a temática e reorganizadas para a constituição deste material. Busca, de forma geral, esclarecer as consequências finais do bullying para as vítimas, tais como comportamentos suicidas, bem como os motivos do fracasso na socialização desses adolescentes, isso tudo em uma etapa considerada como a mais turbulenta da vida humana, a adolescência. Além disso, procura compreender as bases psicossociais do bullying, suas motivações e a crescente presença de agressores no espaço escolar. Finalmente, busca levantar as estratégias de combate a esse tipo de violência, bem como as formas de conscientização e enfrentamento tanto do bullying quanto de suas consequências, entendendo a violência escolar como um reflexo dos aspectos sociais e históricos que engendram o individualismo, a competitividade e a violência em geral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bullying. Adolescência. Suicídio.

### **ABSTRACT**

This article aims to understand bullying in the school context and its influence on idealizations and suicidal achievements in the life of adolescents. The methodology used is the qualitative research, of a bibliographic character, in which information from various authors was gathered on the subject and reorganized for the constitution of this material. It seeks, in general, to clarify the final consequences of bullying for the victims, such as suicidal behavior, as well as the reasons for the failure in the socialization of these adolescents, all at one stage considered as the most turbulent of human life, adolescence. In addition, it seeks to understand the psychosocial bases of bullying, its motivations and the increasing presence of bullying in the school space. Finally, it seeks to raise strategies to combat this type of violence, as well as ways of raising awareness of both bullying and its consequences, understanding school violence as a reflection of the social and historical aspects that engender individualism, competitiveness and violence in general.

**KEYWORDS:** Bullying. Adolescence. Suicide.

## **INTRODUÇÃO**

Muitas vezes, comportamentos agressivos entre adolescentes acabam caracterizando uma prática comum no ambiente escolar, chamada bullying. De acordo com Neto (2005), este termo procede da palavra inglesa bully, que significa “valentão, brigão, tirano”, traduzida para o português como um assédio escolar, isto é, ações que vão desde agredir ou maltratar alguém esporadicamente, até a presença de atos agressivos constantes por parte de indivíduos mais velhos, fortes ou com alguma vantagem sobre a(s) vítima(s).

Nesse sentido, os aspectos referentes ao bullying tendem a levar a um sofrimento psíquico tão intenso que, em alguns casos, pode fazer com que o adolescente cogite retirar a sua própria vida, tendo em vista a humilhação e a violência às quais é sistematicamente submetido.

Tais humilhações são comprovadas pelos dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, 2015), em pesquisa realizada em todo o país com alunos de até 15 anos de idade, a qual revelou que, no Brasil, 17,5% dos adolescentes alegam sofrer bullying; outros 7,8% dizem que são excluídos por seus colegas; 9,3% são alvo de piadas; 4,1% são ameaçados; e 3,2% dos adolescentes são agredidos fisicamente ou empurrados (TOKARNIA, 2017).

De fato, quando existe a presença de agressões, humilhações repetitivas pelos colegas, ou seja, quando existem situações de bullying na vida do adolescente, tal período pode se tornar extremamente traumático, pois a busca pela aceitação e por uma identidade fracassa, podendo levar o adolescente a questionar se vale ou não a pena continuar vivendo. Começa aí, então, a idealização do suicídio. Pode-se dizer que, de um modo geral, a idealização do suicídio vem em decorrência de uma série de acontecimentos, tais como: rejeições, frustrações, fracassos na socialização, humilhações, agressões e passividade diante de alguns acontecimentos. O adolescente se sente vulnerável às agressões, sem ter a quem recorrer ou confiar, e quanto mais tempo o indivíduo sofre essas agressões, maior se torna sua motivação para não somente idealizar o suicídio, mas para pô-lo em prática, visto que todo ato de automutilação, cada vez mais comum nos dias atuais, é considerado um comportamento suicida.

Por isso, se faz crucial investigar e compreender teoricamente as possíveis relações entre o bullying e o suicídio no período da adolescência, de modo que este artigo se presta exatamente a estudar os aspectos que caracterizam esse tipo de violência na escola, bem como contribuir para que ações eficazes e trabalhos preventivos contra o bullying sejam realizados, visando à conscientização de toda a comunidade escolar quanto à temática e evitando que consequências mais drásticas venham a ocorrer.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A presente pesquisa é de caráter bibliográfico. Gil (2002) aponta que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado sobre determinado tema, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Já Lakatos e Marconi (2003) destacam que o objetivo central da pesquisa

bibliográfica é reunir o que já foi escrito e produzido sobre determinado tema em diferentes fontes, desde meios audiovisuais até publicações, jornais, revistas, dentre outros.

Desse modo, o levantamento bibliográfico realizado nesta pesquisa se dá a partir de livros sobre violência escolar, bullying, suicídio e adolescência, além de artigos científicos encontrados em banco de dados da internet, como o Scientific Electronic Library Online (SciELO), jornais e revistas especializadas em educação e áreas afins.

## **REVISÃO DE LITERATURA**

### **Adolescência, bullying e suicídio**

Tendo em vista que a adolescência é um período de muitas mudanças sociais, biológicas e psicológicas, em geral isso tudo faz com que o adolescente passe por uma série de transformações em sua vida, tendo que lidar com um processo de socialização o qual inclui a aceitação de seu grupo e uma busca pela identidade. Mas o que seria de fato a adolescência?

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu Artigo 2º, “Considera-se criança [...] a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (Brasil, 1990, p. 01). Portanto, a adolescência, compreendida numa faixa etária de intensas modificações biopsicossociais, é um fenômeno por si só muito turbulento e que, por isso, requer maiores cuidados.

Uma característica marcante deste período está relacionada às transformações físicas e cognitivas pelas quais o indivíduo passa nesta etapa do desenvolvimento humano. É neste momento que o adolescente começa a raciocinar abstratamente, criar hipóteses e, a partir disso, tirar suas próprias conclusões acerca do mundo à sua volta, das pessoas e de si mesmo. De acordo com Outeiral e Cerezer (1982), esta maneira de raciocinar pode ser chamada de “pensamento formal”, pois proporciona ao indivíduo uma nova maneira de se relacionar com o mundo adulto.

Vigotsky (1996, apud Facci, 2004) ressalta que é somente na adolescência que se desenvolve o pensamento por conceitos. Este tipo de pensamento abre para o adolescente o mundo social, cultural, científico, proporcionando ao mesmo conhecer a si mesmo e às pessoas que o rodeiam, adentrando assuntos complexos, teóricos, bem como o universo do autoconhecimento, das emoções e dos sentimentos.

Para Lamarca e Machado (2014), a adolescência é um período complexo, no qual os indivíduos necessitam de um ambiente propício e que lhes ofereça condições adequadas, seguras e confortáveis em sua rotina, para que passem por essa etapa da vida sem muitas turbulências, tendo em vista que, segundo os autores, uma média de 20% dos adolescentes de todo o mundo apresentam problemas disfuncionais de origem mental, como depressão, pensamentos suicidas e isolamento.

Já o bullying, conforme explicam Lamarca e Machado (2014), seria um comportamento agressivo, insistente e rotineiro por parte de uma pessoa com mais poder em relação à outra com menos poder. Lopes Neto (2015) destaca que as principais características do bullying estão relacionadas à agressão e à falta de respeito para com o outro, de tal forma que a agressão pode ser física,

verbal, moral e até sexual, quando acontecem abusos e assédios. Para o autor, o bullying ocorre não somente na escola, mas também em outros locais frequentados pelo adolescente, de modo que tem se tornado um problema social grave, que necessita de atenção e intervenção.

De acordo com Lamarca e Machado (2014), os comportamentos típicos encontrados em ações de bullying podem ser tanto físicos quanto psíquicos, dentre eles: agredir, abusar sexualmente, xingar, apelidar, fazer gestos que humilhem ou desprestigiem alguém, excluir, entre outros, os quais são cometidos sistematicamente. Dessa forma, os adolescentes que passam por esse tipo de violência repetitiva, constante, podem apresentar um sofrimento psíquico tão intenso que pensar em tirar a própria vida se torna uma alternativa, uma rota de fuga perante aquela situação vexatória e humilhante.

Em face dessas características, seja do período da adolescência ou do próprio bullying, pode se dizer que um ato de violência escolar na adolescência pode fazer com que o indivíduo sinta-se excluído e desprestigiado, já que a formação de sua identidade inclui diretamente a aceitação dos colegas. Pelo fato de a adolescência, por si só, já ser uma etapa muito turbulenta e cheia de mudanças biopsicossociais, considerada por Facci (2004, p. 71) como “o período do desenvolvimento mais crítico”, a presença de violência, humilhação ou bullying acirra ainda mais as dificuldades inerentes a essa idade, na qual os adolescentes ainda estão em busca de sua identidade, tornando o suicídio uma possibilidade não tão distante, algo que suscita preocupações.

Para Moreira e Bastos (2015), por mais que a grande maioria das pessoas tema a morte, algumas buscam acabar com a sua própria vida a fim de aliviarem-se de seus problemas, os quais parecem a essas pessoas como impossíveis de se resolver. Com os adolescentes, isso também não é diferente, pois alguns dos que passam por essas mudanças de maneira muito turbulenta, acabam enxergando no suicídio uma solução rápida (porém, equivocada) para seus conflitos internos e externos.

Segundo os autores, todo ato de autolesão é pertencente a um comportamento suicida, podendo ser dividido em três categorias: a primeira é a ideação, em que a pessoa está considerando o suicídio como uma possibilidade para resolução de seus conflitos; a segunda é a tentativa de suicídio, a qual nem sempre é bem-sucedida, sendo que, muitas vezes, as falhas nessas tentativas são propositais, com a finalidade apenas de chamar a atenção das pessoas mais próximas, o que, de certa forma, é uma maneira desesperada de pedir ajuda; e a última categoria é a do suicídio consumado, na qual a pessoa conseguiu tirar a própria vida.

Para Kuczynski (2014), o suicídio é derivado principalmente de fatores sociais, embora seja um fenômeno de múltiplas causas. Ao analisar 37 pesquisas mundiais, a autora constatou que o bullying é a terceira maior causa de tentativas de suicídios entre adolescentes e crianças. O sofrimento psíquico causado em vítimas de bullying é tão intenso que, aproximadamente, dezenove mil crianças e adolescentes são contabilizados por tentativas de suicídio nos Estados Unidos, entretanto, o número pode ser bem maior, tendo em vista que muitos casos não são divulgados como suicídios, e sim como mortes acidentais, com o objetivo de preservar as famílias das vítimas.

Conforme afirmam Moreira e Bastos (2015), a falta de um aparato social de apoio é um dos fatores que mais levam as pessoas a buscarem o suicídio. Nesse sentido, um adolescente que passa por uma situação de bullying é um

sujeito que socialmente está sendo excluído pelos colegas na escola, de modo que isso aponta para a falta de amparo sofrido no contexto escolar e, conseqüentemente, para a exclusão social, contribuindo para os sentimentos de solidão, inadequação e baixa autoestima na escola.

De acordo com os autores, ter pensamentos suicidas não é algo incomum na adolescência, uma vez que é um período de muitas modificações físicas, sociais e psicológicas. No entanto, estes pensamentos só podem ser considerados anormais quando a realização dos mesmos se torna, para o adolescente, a única alternativa possível, isto é, quando se crê que o único meio de acabar com os problemas e o sofrimento vivenciados é se suicidando.

Nos estudos de Moreira e Bastos (2015), percebe-se que os fatores que mais contribuem para a idealização do suicídio na adolescência são os mesmos encontrados nas características de um adolescente que passa por situação de bullying no contexto escolar, tais como: reações depressivas, falta de esperança, sentimentos de solidão, sentimentos de tristeza, preocupações, sintomas de ansiedade, baixa autoestima, dentre outros, como sofrer agressão por parte de pais e amigos, sofrer abusos físicos na escola e apresentar pouca comunicação com os pais.

Kuczynski (2014) explica que a idealização do suicídio pode ser variável, contudo, passar por situações de pressão ou estar submetido a ambientes estressores são aspectos relevantes para o aparecimento do desejo de morte. A autora aponta que a desesperança pode ser considerada um fator de risco para uma tentativa de suicídio, bem como a depressão, a dificuldade em lidar com determinadas situações e a impulsividade.

Finalmente, Kuczynski (2014) ainda afirma que o suicídio entre crianças e adolescentes vem crescendo na atualidade, o que torna tal assunto um tema de grande importância para a pesquisa científica, tanto como objeto de estudo quanto de intervenção, visto que a maneira mais eficaz de se combater o suicídio entre adolescentes que passam por situação de bullying é por meio da informação. Somente a propagação da informação pode fornecer o conhecimento necessário para identificar e elaborar estratégias de conscientização contra esse tipo de violência.

Dessa maneira, pode se dizer que o bullying, comportamento típico do universo adolescente, necessita ser tratado com maior atenção, visando à criação de mecanismos para o enfrentamento e prevenção deste problema social, o qual não se resume apenas a episódios de violência no âmbito escolar, mas é um reflexo de uma sociedade violenta, individualista e competitiva, a qual se compromete cada vez menos com a figura do outro e o seu bem estar, sendo isto um potencial causador de suicídio entre jovens.

### **A baixa autoestima entre os adolescentes**

A autoestima é compreendida como uma experiência subjetiva do indivíduo, relacionada aos aspectos de valorização que o mesmo tem de si. Deste modo, alunos com baixa autoestima possuem mais dificuldades em seus relacionamentos dentro da escola, sendo, muitas vezes, vítimas de violência por parte de seus colegas, o que contribui ainda mais para a diminuição da autovalorização, ou, por outro lado, tendo a autoestima diminuída exatamente em virtude da violência sofrida (CÂMARA, 2006).

A autoestima, ainda de acordo com Câmara (2006), é construída a partir

da relação com o outro; inicialmente, pais, amigos e professores. Já Bandeira e Hutz (2010), afirmam que os indivíduos, como seres sociais, se constituem através de suas relações em sociedade e a partir da forma como os outros os enxergam, de modo que vão descobrindo progressivamente a sua própria personalidade e identidade, e formando uma autoimagem com base na maneira como os outros os enxergam.

A autoestima, segundo Bandeira e Hutz (2010), está diretamente relacionada com o bem-estar físico, emocional e social. Por meio dela, no que diz respeito à adolescência, é possível observar em que estado se encontra a saúde mental do indivíduo nesta faixa etária, pois sua autoestima tem relação direta com a forma como o adolescente tende a se valorizar, se admirar e estar bem consigo mesmo, ou seja, ela expõe sua autoimagem, revelando um adolescente com boa ou baixa autoestima.

Os mesmos autores ressaltam que os adolescentes com autoestima baixa tendem a sentir uma repulsa de si mesmos, uma não aceitação de seu próprio “eu”. Eles também tendem a desvalorizar-se e podem apresentar desequilíbrios psicológicos, como depressão e tendências suicidas.

Para Bahls (2002), a baixa autoestima é uma das principais características encontradas em adolescentes depressivos, juntamente com o mau desempenho escolar, problemas comportamentais, tais como abuso de álcool e outras drogas, além de idealizações e tentativas de suicídio. Neto (2005) afirma que os adolescentes, alvos de bullying, geralmente possuem poucos amigos e têm sua autoestima agravada na medida em que são criticados pelos adultos, professores e pais. Estes últimos, por sua vez, perdem a oportunidade de ajudá-los, pois acabam não ganhando a confiança do adolescente e se distanciando dos mesmos, quando, na verdade, deveriam ser figuras extremamente próximas. Além disso, para o autor, é possível que o adolescente tenha a crença de que merece sofrer o bullying, caso sua autoestima esteja muito comprometida.

Já quanto aos cuidados em relação aos adolescentes com baixa autoestima, Câmara (2006) afirma que tais alunos merecem melhor atenção no contexto escolar, visto que os mesmos são mais vulneráveis a sofrer as várias formas de violência em tal âmbito, acarretando em prejuízos severos à essência da humanidade desses indivíduos e à sua conduta, se fazendo necessário e emergente criar estratégias de prevenção a qualquer forma de violência nesse contexto.

Por fim, além da atenção das escolas acerca desse assunto, seja em relação à vítima ou ao agressor, Câmara (2006) destaca que deve haver um acompanhamento profissional junto ao adolescente que sofre em decorrência do bullying, de maneira que este se compreenda como um ser social, com capacidades, habilidades e bem-vindo em todos os contextos.

## **DISCUSSÃO**

### **Possibilidades de enfrentamento de um fenômeno complexo**

Segundo Oliveira (2012, p. 166), “o papel humanizador da escola ainda está muito distante de ser posto em prática. Pelo contrário, parece que os atos ‘desumanos’ é que se fazem presentes na realidade escolar [...]”. Nesse sentido, pode-se dizer que os episódios característicos do fenômeno chamado bullying

são uma fonte potencial de geração de sofrimento nos estudantes que vivenciam esse processo e, talvez, a maior delas. Para Smirnov (1969):

No processo de educação das crianças, a possibilidade de adquirir uma experiência moral depende de que os educadores organizem a vida e a atividade da criança em consonância com ela, antes de que possam formar-se os ideais. Se não se faz assim, corre-se o perigo de que haja uma grande discordância entre as normas morais que se estudam e a conduta real do indivíduo (p. 371, tradução nossa).

Isso revela que se na infância os princípios éticos, morais e de civilidade não foram bem constituídos, é na adolescência que o desrespeito às regras, a indisciplina e a violência podem se avolumar, se expressando com muito mais força e, conseqüentemente, gerando resultados ainda mais destrutivos, dentre eles o suicídio. Por isso, é fundamental que o bullying não seja tratado por profissionais, educadores e pais apenas como apenas mais uma manifestação esporádica de indisciplina escolar, mas como algo grave e que precisa ser combatido com veemência na sociedade, tendo em vista seu imenso potencial de gerar efeitos danosos e irreversíveis, seja para a vítima ou para o próprio agressor, em virtude das possibilidades de retaliação.

É nessa perspectiva que Nagel (2011) afirma que toda a forma de violência escolar, bullying ou, como ela denomina “atos típicos de incivilidade”, devem ser enfrentados pela nossa sociedade, pois, se o indivíduo adquire seus comportamentos no seio das interações sociais, é no seio dessas mesmas relações que as mudanças escolares (não restritas a uma sala de aula) devem ser provocadas. Segundo ela:

Todo o trabalho contra a hostilidade, impertinência, desrespeito, insolência, abuso, confronto, desobediência, provocação ou contra o bullying e/ou cyberbullying, enfim, toda atividade a favor do desenvolvimento da autêntica civilidade, para a construção da verdadeira cidadania, deve ser projetada e desenvolvida em comum, com todos os integrantes da instituição [escolar], com um único objetivo: educar para o respeito. (NAGEL, 2011, p.10).

Sem dúvidas, esse é o único meio para se evitar que sejam geradas ou acentuadas tais práticas hostis na escola, impedindo a manifestação da violência e a proliferação de vítimas ou de autores do desrespeito, do constrangimento e da violência neste âmbito, bem como de suas conseqüências, como dificuldades no processo de escolarização, sofrimento e, em última instância, suicídio. Como visto anteriormente, situações opressivas no ambiente escolar podem ter impactos decisivos quanto à autoestima dos alunos, concorrendo também para situações mais graves, dentre as quais o suicídio aparece como a última fronteira.

Portanto, é possível afirmar que não basta apenas se trabalhar individualmente com o agressor nem com a vítima, no processo de combate ao bullying. Tampouco se devem procurar culpados, individualizando a problemática nos próprios alunos, pais ou professores, mas sim se compreender que vivemos em um sistema econômico que produz relações sociais excludentes e perversas, as quais geram níveis tais de impessoalidade, egoísmo e rejeição, seja em relação às diferenças ou aos princípios de coletividade, que conduzem à agressão, à violência e ao desprezo à figura do outro, chegando a atingir um patamar de “quase normalidade” na mente de adolescentes agressores.

Por outro lado, Caldas (2005, p. 32) nos lembra de que, apesar de a desumanização estar presente nas histórias escolares de muitos alunos, sejam eles vítimas ou agressores, a escola, ainda assim, pode se tornar um lugar que garanta o desenvolvimento do processo de humanização. Na realidade, ainda que todo o sistema escolar, principalmente público, seja crivado de problemas e ingerências, a única via de humanização do indivíduo nessa sociedade continua sendo a educação.

Sendo assim, é necessário que se desenvolva o que Nagel (2011) chama de “sensibilidade apurada”, na qual a noção de direito jamais se aparta da noção de dever, nem a noção de indivíduo se separa da noção de outro, de comunidade, percebida como indispensável para a sobrevivência de qualquer um. Para a autora, a sensibilidade apurada torna inadmissível a violência relacional, que se exprime no prazer de indivíduos humilharem ou excluírem pessoas da convivência. Ela afirma que somente a indignação pela exclusão e pelo isolamento do outro, é o que permitiria, inicialmente, a luta contra os atos típicos de incivilidade praticados pelos bullies, evitando-se consequências maiores, tais como o suicídio.

Desse modo, para finalizar, lembramos Boarini (1998), a qual destaca que se é no coletivo que tais problemas foram forjados, é no coletivo que eles devem ser desconstruídos.

## **CONCLUSÃO**

A título de encerramento, há elementos para se afirmar que o suicídio entre adolescentes, em muitos casos, está diretamente relacionado aos atos de bullying, os quais, por sua vez, descendem de uma sociedade que privilegia a noção de individual em detrimento do social, gerando a exclusão.

Com efeito, a adolescência, que é um período intenso e de muitas mudanças biológicas, sociais e psicológicas, as quais fazem com que os adolescentes busquem definir sua identidade, deve ser encarada como uma etapa crucial do desenvolvimento humano, pois a presença da exclusão, humilhações e fracassos neste período, em decorrência das agressões provenientes das situações de bullying, contribui para que o estudante passe a questionar seu papel social, suas habilidades e seu próprio nível de importância, podendo, nesse processo, diminuir sua autoestima e iniciar uma idealização suicida, chegando ao ponto de dar fim à própria vida, algo amplamente possível de ser evitado, desde que uma atenção verdadeira seja dada a essa temática.

Em outras palavras, o bullying pode ser considerado como um agravante nesse turbulento período chamado adolescência, por isso a necessidade de se tratar tal questão de modo mais consciente e constante, seja no âmbito escolar ou no próprio campo da pesquisa científica.

Em suma, tal temática encontra um amplo espaço para aprofundamentos e novos estudos, os quais privilegiem novas formas de combate a este tipo de violência e contribuam para a criação de estratégias que visem à diminuição ou à erradicação da prática de bullying no contexto escolar, bem como de seus desdobramentos, dentre os quais o suicídio.

## REFERÊNCIAS

- BAHLS, S. C. Aspectos clínicos da depressão em crianças e adolescentes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v.78, n.5, 2002 p. 359-366.
- BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 1, jan./jun. 2010, p. 131-138.
- BOARINI, M. L. Indisciplina escolar e dificuldades de aprendizagem escolar: questões em debate. **Apontamentos**. Maringá: Eduem, n. 69, 1998.
- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.
- CALDAS, R. F. Fracasso escolar: reflexões sobre uma história antiga, mas atual. **Teoria e Prática**. São Paulo, v. 7, n.1, 2005, p. 21-33.
- CÂMARA, L. M. Violência Escolar e auto-estima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006.
- FACCI, M. G. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, abr. 2004, p. 64-81.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KUCZYNSKI, E. Suicídio na infância e adolescência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, Dez. 2014, p. 246-252.
- LAKATOS, E.M., MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas; 2003.
- LAMARCA, P.; MACHADO, A. L. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, Nov. 2015, p. 3509-3522.
- MOREIRA, L. C. O.; BASTOS, P. R. H. O. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicologia Escola e Educação**, Maringá, v. 19, n. 3, 2015, p. 445-453.
- NAGEL, L. H. **Alternativas de enfrentamento do Bullying**. In: X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional - Conpe, 10., Anais. Maringá: UEM, Universidade Estadual de Maringá, 2011.
- NETO, A. A. L. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de pediatria**, v. 81, n. 5, 2005, p. 164-172.
- NETO, A. A. L. **O bullying não é legal**: Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. São Paulo: MPSP, 2015.

OLIVEIRA, F. A. F. **O sentido pessoal da escola e o sofrimento em adolescentes com dificuldades no processo de escolarização**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2012.

OUTEIRAL, J. A adolescência, a criatividade, os limites e a escola. In: OUTEIRAL, J.; CEREZER, C. (Orgs). **O mal-estar na escola**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

SMIRNOV, A. A. (Org.) **Psicología**. México D. F.: Editorial Grijalbo, 1969.

TOKARNIA, M. Quase 18% dos alunos dizem sofrer bullying no Brasil, aponta estudo. **UOL Educação**. São Paulo, 19 Abr. 2017. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/04/19/quase-18-dos-alunos-dizem-sofrer-bullying-no-brasil-diz-estudo.htm>> Acesso em: 20 ago. 2017.